



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de entrega da medalha Heróis de 1958 a jogadores da Seleção brasileira de 1958

Palácio do Planalto, 26 de junho de 2008

Primeiro, quero cumprimentar o meu companheiro José Alencar, vice-presidente da República e ex-jogador de futebol de várzea,

Cumprimentar o meu companheiro Arlindo Chinaglia, que eu penso que nunca chutou uma bola, fez política desde pequeno,

Cumprimentar o Arruda, governador do Distrito Federal, que disse que foi bom de bola na juventude,

Cumprimentar o nosso querido companheiro Orlando Silva, ministro do Esporte,

Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Nosso companheiro Luiz Barreto, ministro interino do Turismo,

Nosso companheiro José Múcio, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais,

Cumprimentar o Ricardo Teixeira,

Cumprimentar nosso jovem João Havelange,

Cumprimentar o nosso querido companheiro Zagallo. A gente poderia, cumprimentando o Zagallo, cumprimentar todos os nossos companheiros jogadores de futebol. Mas seria deselegante da minha parte, ao fazermos este evento em uma singela homenagem ao que significou o feito de vocês em 1958 para a nação brasileira e para aqueles da minha geração, e eu não poderia deixar de citar cada companheiro aqui presente, porque cada um tem uma passagem na minha vida, como torcedor de futebol.

Em 1958, Zagallo, eu tinha 13 anos de idade. Eu me lembro da Seleção Brasileira jogando contra o Corinthians, e me lembro que pelo fato de o Gilmar



estar na Seleção, o goleiro do Corinthians era o Cabeção. Eu me lembro da raiva com que eu saí do estádio do Pacaembu, em 1957, quando o De Sordi e a turma dele tiraram o título do Corinthians. Eu me lembro quando o Djalma Santos, quase um herói anônimo na Portuguesa de Desportos, antes de ir para o Palmeiras, fazia espetáculo jogando na lateral direita. Do Pelé eu não vou falar, porque a minha relação com o Pelé é uma relação de amor e ódio. É uma relação de admiração como a coisa mais importante que aconteceu no futebol do mundo, mas ao mesmo tempo foram 15 anos de sofrimento, no período da minha adolescência. Você não sabe o que você poderia ter causado, com a sua turma, com o Zito, com o Pepe, a um jovem esperançoso, de tanto derrotar o Corinthians.

Ao querido Bellini, em 1957 eu vi um jogo do Vasco da Gama, não sei se com o Botafogo, e depois que terminou o jogo o Bellini tinha uma postura tão imponente dentro do campo – tanto é que o Pelé o chamava de senhor – em 1958, que eu então virei torcedor do Vasco até hoje. Falar do Zito, eu acho que é desnecessário porque não como jogador apenas, mas como homem, tudo que a gente ouvia falar do Zito era uma coisa exemplar, e é exemplar se os jovens tiverem a vontade de acompanhar a carreira política de vocês.

O nosso querido Mazzola, que teve o privilégio de jogar pela Seleção Brasileira em 1958 e depois jogar pela italiana em 1962. É o que vale ter duas nacionalidades. O Mazzola, embora tenha ficado pouco tempo aqui, eu também tive muita bronca do Mazzola, porque ele foi ser exatamente centroavante do Palmeiras, arqui-rival do Corinthians. Não era fácil um jogo Palmeiras x Corinthians, com o Mazzola marcando gols no meio-combalido time do Corinthians, que tinha acabado a geração de 1954 como campeão do Quarto Centenário.

O nosso querido Pepe que, possivelmente, deveria ter uma função na Seleção, Ricardo Teixeira: ensinar aquela meninada a bater faltas e escanteios. Não precisava de mais nada. É impressionante. Agora, como



torcedor – aqui não é o presidente da República que está falando –, é impressionante, tem um monte de homens brigando dentro de um espaço de três metros quadrados, dando cotoveladas, esperando uma maldita bola que alguém vai chutar para a cabeça deles e, muitas vezes, Pelé, não conseguem fazer a bola chegar até a cabeça de ninguém. Ela vai quase que rasteira. Acho que, com meus 62 anos, eu sou capaz de fazer uma bola chegar à cabeça... Imaginem se o Pelé não tivesse o Durval, o Garrincha ou o Pepe cruzando bem as bolas, como é que iria marcar gols de cabeça?

O nosso companheiro Moacir. Sabem que o Moacir... Embora eu não seja flamenguista, sabia de cor e salteado a linha do Flamengo de 1957: Joel, Moacir, Henrique, Dida e Zagallo. Depois saiu o Zagallo e entrou o Babá. Esses meninos foram para a Copa do Mundo, e depois o Moacir desapareceu. Eu nunca mais tinha ouvido falar no Moacir quando, um dia desses, ligo a televisão – nessas madrugadas em que a gente tem tempo de ver televisão –, e tinha uma dessas TVs a cabo fazendo uma reportagem com o Moacir lá no Equador, treinador de uma escolinha.

O nosso companheiro Dino Sani. Grande Dino Sani. Era grande quando estava no São Paulo, ficou maior quando foi para o Corinthians, e foi grande quando estava na Seleção Brasileira.

O nosso querido Orlando que, junto com o Bellini, fazia parte daquela defesa gloriosa do Vasco da Gama, em 1957.

O Gilmar não pôde vir porque está um pouco enfermo, mas está aqui o seu filho. Grande goleiro Gilmar dos Santos Neves, que me encantava de orgulho quando era o goleiro do Corinthians, e me encantava de tristeza quando era o goleiro do Santos. Mas é importante...

O Nilton Santos não veio também. Estive, noutro dia, com o Nilton Santos aqui. É uma pena... Um homem que, jogando apenas 45 minutos num campeonato sul-americano, foi considerado a enciclopédia do futebol, numa demonstração de que, muitas vezes, o País precisa relembrar essas coisas



para que sirvam de inspiração para a nossa juventude. Eu não acredito que uma nação vá para a frente se não tiver a auto-estima muito forte, se não houver uma coisa de patriotismo na alma de cada um de nós. Quando a gente veste a camisa da Seleção Brasileira, está vestindo a camisa da nossa nação, está representando os milhões de brasileiros e brasileiras. Portanto, tem que entrar ali quase para comer o dedo da gente mesmo para ganhar o jogo. Lamentavelmente, não estamos mais nesse momento.

Acho que o simbolismo de vocês... De vez em quando, no Brasil, a gente mostra muitas derrotas. Eu me lembro de quantas e quantas imagens eu vi, de 1950 a 1970, daquele jogo contra o Uruguai, na Copa de 70, no México. Não tinha uma semana que a gente não visse os dois gols do Uruguai contra a gente, em 1950. Quando a gente ganha, passa uma vez; quando a gente perde, passa 20 anos consecutivos. Meninos, como o Pelé, que não tinham nada a ver com aquele jogo de 1950, poderiam receber imagens de coisas muito mais positivas. Era um massacre: o Uruguai era invencível, era difícil... Isso criava um clima psicológico desnecessário na meninada.

Pois bem, nós hoje estamos aqui, eu diria, quase num processo de reparação, das muitas reparações que temos que fazer no Brasil. Não apenas porque vocês foram campeões do mundo, em um momento em que vocês saíram do Brasil desacreditados, mas pelo significado que vocês tiveram para a minha geração e para a geração de vocês. Eu diria que foi exatamente a partir de 1958, quando a gente vivia um momento importante no Brasil, era o início da construção desta cidade, quando o Juscelino passava um otimismo extraordinário para a sociedade brasileira, era o início da bossa nova, era o início de uma coisa muito positiva que acontecia no Brasil...

Acho que vocês contribuíram, de forma decisiva, para que nós pudéssemos compreender que o Brasil poderia ir muito mais além do que o fracasso de 1950 ou o fracasso de 1954; que poderíamos nos transformar num país extremamente vencedor; e que poderíamos ter ganhado outras Copas do



Mundo: a de 1998, a de 2006... Jogador e nome a gente tinha, mas só com isso não se ganha o jogo. Vocês que estiveram lá sabem que o estado psicológico de um jovem, Zagallo, faltando três dias para decidir a Copa do Mundo, não é fácil. Se um político, para fazer um debate, tem até dor de barriga, imaginem um jogador de futebol, jovem, que sabe que no dia seguinte vai entrar num estádio, a nação inteira vai estar assistindo ele, o pai e a mãe, todo mundo distante, uma torcida, normalmente contra... Se não tiver um controle psicológico fantástico, não vence.

Então, muitas Copas que perdemos, não perdemos por falta de craques. Acho que nós perdemos por outras coisas, que não me cabe explicar, mas, certamente, todos vocês têm uma imaginação do que aconteceu. Sobretudo quando temos, entre nós, um especialista em Seleção Brasileira. Vamos ver o Zagallo. O Zagallo, muitas vezes polêmico, muitas vezes questionado... Vamos ver quem, no mundo, entende mais de Copa do Mundo do que o Zagallo? O Zagallo foi campeão do mundo em 1958 e em 1962; foi técnico campeão em 1970; foi técnico em 1974; e outro dia eu disse, em uma entrevista, que foi a última vez em que eu bebi exageradamente.

Eu estava no Sindicato, Pelé, ali em São Bernardo do Campo, e o Brasil ia jogar com a Holanda. Foi a primeira vez que eu vi televisão em cores na minha vida. Um médico do Sindicato, que tinha uma televisão em cores, levou a televisão para o Sindicato, instalou, liberamos o Sindicato, e ninguém trabalhou, para ver o jogo. Aí, se comprou... Naquele tempo, conhaque bom era Domecq, Palhinha... É uma questão de época. E estávamos lá, todos os funcionários do Sindicato, todo mundo lá, e entra aquela desgramada daquela laranja mecânica, aquele tal de Cruyff, que acabou com a gente. O Zagallo não estava jogando. Estavam jogando Paulo César Caju, Rivelino, Jairzinho, Luís Pereira, Leão, que era o goleiro, Marinho, que era o lateral esquerdo e brigava muito com o Leão... Mas o fato concreto é que a gente tinha comprado aquelas bebidas para beber de alegria. Depois, quando nós perdemos, todo mundo se



achou técnico da Seleção, e foi a razão para a gente beber.

Depois o Zagallo foi coordenador campeão em 1994, vice em 1998, e foi coordenador outra vez em 2006. Um cidadão que participou de uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete Copas do Mundo e, dessas, foi vencedor em cinco, e vice-campeão na outra, é uma pessoa que todos nós precisaríamos consultar quando quiséssemos falar de Copa do Mundo. Não se contrata consultorias aí? As empresas contratam consultorias, pagam milhões? Eu não teria nenhum problema de te consultar para dar conselho para cada Copa do Mundo: conte para nós o que aconteceu, como é que é, como é que foi, porque isso pode ajudar a combater um pouco da auto-suficiência de gente que nem auto-suficiente pensa que é.

Então, esta homenagem que nós estamos fazendo a vocês vai ter prosseguimento. Este aqui é um gesto da nossa geração, porque foi a geração de 58 do futebol, foi a geração da Maria Ester Bueno, foi a geração do Éder Jofre. Todo mundo nessa época, Pelé, ganhou título. Depois do Éder Jofre veio a Bossa Nova, com a “Canção de Amor Demais”, com letra de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, cantada por Elizeth Cardoso e João Gilberto ao violão. Depois de três meses foi lançado “Chega de Saudade” e “Bim Bom” do João Gilberto. Logo em seguida, em Cuba, Fidel fazia a revolução e chegava, junto com Guevara ao poder, tirando Fulgencio Batista. O papa Pio XII tinha morrido no dia 9 de outubro e no dia 28 do mesmo mês o italiano Angelo Giuseppe foi nomeado Papa, o nosso saudoso Papa João XXIII.

Naquele tempo, Pelé, para a gente ouvir a Copa do Mundo pelo rádio, era uma chiadeira desgraçada. Parecia que tinha uma ventania e que ia derrubar poste. Mas de qualquer forma, já foi um avanço. Eu me lembro que na Copa do Mundo de 66, aqui no Brasil, inventaram que ia ter televisão, aí, na televisão era a tela preta e uma bolinha branca correndo na televisão, que a gente não sabia para que lado estava. Eu acho que isso confundiu a Seleção de 66, que foi o desastre que foi. Também, colocaram um tal de Euzébio na



nossa frente, não é, Pelé, e a Seleção de Portugal...

Algumas curiosidades sobre o Brasil: a Seleção Brasileira, Ricardo Teixeira, você deve conhecer isso melhor do que nós, detém a maior seqüência de jogos sem perder em Copas. Ficou invicta 13 partidas entre as copas de 1958 e 1966. Foram 11 vitórias e dois empates. Além de repetir aqui, que a Seleção nunca perdeu com o Pelé e com o Garrincha juntos. A Seleção Brasileira também detém – você vai conferindo, Ricardo, e anotando para ver se eu estou certo aqui, João Havelange – a maior seqüência de vitórias em Copas do Mundo, os sete jogos na Copa de 2002 e mais quatro no Mundial de 2006.

O Brasil é o único país que participou de todas as 18 Copas do Mundo realizadas até hoje. A Itália participou de 16, e Argentina e Alemanha, de 14. O Brasil é o maior campeão de Copas, todo mundo já sabe disso. O Brasil é o País que mais vezes jogou na história das Copas, 92 jogos. É também o que mais vitórias conseguiu, 64; e também o que mais marcou gols, 201; e sofreu 84 gols.

Todo mundo sabe que em 58 – isso é para a juventude da imprensa, que está cobrindo isso aqui, agora – o Brasil tinha um problema, porque levava o jogador e até 1958 não tinha um tratamento médico adequado. Os jogadores iam com 20 ou 30 dentes com cáries, jogador com verminose, jogador com frieira. Somente a partir de 1958 é que se montou uma estrutura profissional e teve um mínimo de organização, coordenada pelo nosso saudoso dr. Paulo Machado de Carvalho ex-presidente da TV Record, Arlindo, você se lembra. Grande Paulo Machado de Carvalho, que leva o nome do Estádio do Pacaembu hoje. Ali tinha dentista, Pelé obturou os dentes, tinha medo de dentista. Garrincha tinha problema de saúde, não era problema de perna torta não, aquilo era uma virtude, era problema de falta de tratamento mesmo, porque jovem não se tratava. Levamos até psicólogos para a Suécia. Por falar na Suécia, você não me deu o nome, mas tem um jogador da Suécia aqui que



perdeu para nós, ele está aqui, o ponta-direita da Suécia está aqui, uma salva de palmas para o Kurt Hamrin. Certamente o locutor de rádio na Suécia falava: “bola com Kurt; Kurt para não sei quem; perde para o Zito, que passa para o Didi, e vai por aí afora”. Vejam que é um perdedor sem ranço, sem mágoa, está alegre, feliz da vida.

Dos 22 jogadores que nós levamos para a Copa do Mundo, apenas seis não entraram em campo: Castilho, reserva do Gilmar; Mauro, reserva do Bellini; Zózimo, reserva do Orlando; Orecó, Moacir e Pepe. Seis participaram de todas as partidas: Gilmar, Bellini, Orlando, Nilton Santos, Didi e Zagallo. A nossa figurinha carimbada, Sua Excelência, o Pelé, se tornou o mais jovem jogador a marcar um gol na Copa de 58. Uma coisa interessante que a gente não vê no futebol hoje: o Pelé contava, na hora do almoço, que ele se referia ao Bellini como senhor. O Bellini tinha 27 ou 28 anos, o Pelé tinha 17, e a figura do Bellini, como capitão, impunha ao Pelé essa deferência, eu acho que não é defeito os mais jovens, de vez em quando, respeitarem os mais velhos, que têm mais experiência. Eu acho que isso, Pelé, você não deve ter aprendido nem com o técnico Vicente Feola, nem com o João Havelange, eu acho que isso você aprendeu no berço, isso é coisa de pai e mãe. Quando se é pobre e se tem educação, a gente aprende a respeitar as pessoas. Naquele ano, o Pelé foi artilheiro do Campeonato Paulista, com 58 gols dele. Certamente, uns 10% marcados contra o Corinthians.

Eu vou contar uma história, Zagallo. O bicho pela vitória de 3X0 sobre a Áustria, na estréia de 58, foi de 60 dólares. Receberam? Bem, o Nilton Santos nesse jogo, marcou o primeiro gol, foi o primeiro gol marcado por um jogador de defesa em uma Seleção, em Copa do Mundo. O segundo jogo, Brasil 0 X 0 Inglaterra, foi o primeiro zero a zero de uma Copa do Mundo. Tudo isso aconteceu em 1958. Pelo terceiro jogo, Brasil 2 X 1 União Soviética, o bicho foi aumentado de 60 dólares para 100 dólares. Esse João Havelange era um mão aberta.



Nas quartas-de-final, vitória de 1 x 0 sobre o País de Gales, e o bicho foi novamente de 100 dólares. Na semifinal – eu não tenho o bicho aqui, João Havelange – a vitória foi de 5 x 2 sobre a França, com três gols de Pelé.

A decisão todo mundo viu, passou aí o jogo. O Didi, conta aquela história famosa, do por que ele entrou com a bola no campo, quando a Suécia marcou o gol, ele pegou a bola e carregou. Deve ter dado conselho para todo mundo.

A vitória do Brasil contra a Suécia é um recorde ainda não igualado na história das Copas. Nunca uma seleção fez tantos gols em uma final de Copa do Mundo. Tudo isso representado por vocês. Muitas vezes, se a gente não compilar todas as informações e ficar recebendo informações pinçadas, não consegue ter noção do todo, do significado das coisas que vocês representaram para o Brasil. Além disso, o Brasil foi a primeira Seleção a ser campeã fora do seu continente, feito que foi repetido em 2002.

Vejam uma queixa do Nilton Santos. O Nilton Santos disse que o presidente Juscelino Kubitschek teria determinado a doação de um terreno, em Brasília – que estava sendo construída naquele momento –, para cada um dos 22 jogadores, além do técnico Vicente Feola. A revista Manchete publicou, na época, que JK teria aberto crédito de 22 milhões de cruzeiros para a compra da casa própria dos jogadores, mas a promessa não se cumpriu. Eu me lembro que, naquela época, houve uma confusão. Realmente, o Juscelino tinha pensado em premiar a Seleção, mas eu me lembro que, na época, começou uma disputa com o Juscelino, que se ele não tinha dado nada para os pracinhas que foram à Segunda Guerra Mundial, ele não tinha que dar presente para os jogadores. Quando a imprensa trata um problema de forma... com uma carga tão pesada, o Presidente deve ter voltado atrás.

Companheiros e amigos,

Vocês sabem que eu sou apaixonado por futebol, e muito mais apaixonado por esportes. Eu acho que um país que investe no esporte tem



chances de ser uma nação muito mais respeitada, muito mais produtiva. Nós, neste momento, temos feito algumas coisas que, se tivessem sido feitas há 30 anos, a gente poderia estar muito melhor. Ali, vocês estão vendo naquela cadeira de rodas, o nosso querido Clodoaldo, nadador de exímia qualidade. Não sei quantas vezes... Vocês sabem que ele vai às Paraolimpíadas – Olimpíadas dos portadores de deficiência – e os adversários chegam a desconfiar que ele não tem problemas, porque quando ele pula na água, vira um... Não, tubarão é perigoso. Vira um golfinho, pronto, uma coisa mais leve, mais suave.

Nós criamos o Bolsa-Atleta para ajudar a financiar um conjunto de atletas que vai mostrar as coisas do Brasil pelo mundo afora. Ainda não é tudo o que nós queremos fazer, mas já começamos a fazer. Nós criamos o Estatuto do Torcedor Brasileiro, depois criamos a Timemania, depois conseguimos a Lei de Incentivo Fiscal, e tudo isso por uma razão: eu acho que o futebol no Brasil é mais do que um esporte. Eu acho que o futebol está impregnado na alma e na consciência do brasileiro quase na mesma proporção do ar que a gente respira. Isso está em nós, está dentro de nós. Então, eu tenho uma preocupação constante de como melhorar os times no Brasil.

Hoje, Mazzola – você que vive na Europa –, nenhum time brasileiro consegue montar mais um time como o que você jogou no Palmeiras: Durval, Mengalvio, Coutinho, Pelé e Pepe, jamais iriam imaginar montar. Garrincha, Didi, Paulinho, Quarentinha e Zagallo, jamais a gente conseguiria montar, porque quando estão com 18, 19 anos vão embora. Obviamente que eu sou daqueles que defendem, com amor, que um jovem pobre da periferia que conseguiu ter ascensão no futebol ganhe dinheiro. Eu quero que ele melhore de vida mesmo, mas é preciso que haja uma combinação. Vejam a Seleção Brasileira: não tem um jogador que jogue no Brasil. Antigamente era assim: o jogador jogava no interior... O Pelé, lá em Bauru, jogava lá em Bauru. (inaudível). Ele estava no Santos. O Santos era um time pequeno também lá



em Santos. O Corinthians tinha mais torcida do que o Santos, em 1957. É importante lembrar disso. O Jabaquara tinha tanto ou mais torcida do que o Santos. O Jabaquara é de onde o Gilmar veio, e o Baltazar também.

Pois bem, o sonho de um jovem desses era ir para um time grande, não é, Pelé, jogar na capital, jogar num time de projeção, porque dali era um passo importante para a Seleção Brasileira. Hoje, o sonho de um jovem não é chegar à Seleção Brasileira, é ser vendido para a Europa. Eu acho que às vezes ele pensa que, de lá, ele chega à Seleção com mais facilidade. Isso vai causar problemas, viu, Dino, não apenas no Brasil, mas lá na Europa. Vejam a Inglaterra, com aqueles times jogando. Quando entram em campo o Liverpool, o Arsenal, o Manchester, o Chelsea, são times que parecem uma Seleção de outro continente. Quando monta a Seleção, não tem nenhum daqueles. Aí, aquele futebol exuberante, que colocou três times na final do Campeonato Europeu, na hora em que montam a Seleção, não ganham de ninguém. Por quê? Porque os jogadores não são deles. E obviamente que a Fifa, em algum momento, vai tomar providências para que tenha um limite de jogadores e que, também na Europa, os times possam formar jogadores. Isso é uma coisa extremamente importante.

Eu penso que nós vamos ter que ir trabalhando, discutindo, para ver se a gente tem um processo de fazer surgir os times... Eu até achei importante, Zito, que o Corinthians tenha caído para a série B do Brasileirão, porque eu acho que é o jeito de o Corinthians ajudar os times pequenos: vai lá para baixo e volta com eles para cima. Eu acho que foi uma atitude de grandeza do Corinthians. Noutro dia, eu estava em um ato lá em São Paulo, e o governador José Serra resolveu brincar comigo, e falou: “Você está na série B”. Eu falei: nós fomos para lá porque nós queremos conquistar um título que o Palmeiras já tem e que a gente não tem. Nós queremos disputar com vocês esse título.

Eu queria, meus queridos companheiros... Engraçado, não é? Quando eu tinha 13 anos, eu achava que vocês eram velhos e que eu era menino. Hoje



que eu vou fazer 63 anos, agora, Pelé, 63 anos, nem parece. Um dia desses, eu estava num ato – eu já contei aqui – e falei: vou fazer 63 anos, e uma moça gritou “não parece”. Eu falei: mentirosa.

Eu queria dizer para vocês da alegria de tê-los recebido aqui – com alguns eu já tinha conversado, outros eu tinha visto jogando bola. Quero agradecer ao Joel, que veio de tão longe, do Equador; agradecer ao Moacir; agradecer ao Mazzola, que veio da Itália. Já combinei com o Mazzola que, quando eu for à Itália, em outubro, como chefe de Estado, vou querer convidá-lo para comer uma massa, que é muito boa, lá na Embaixada brasileira. Quero agradecer ao Pelé que, normalmente, é essa personalidade insubstituível no mundo dos esportes. É engraçado, não é, porque o Pelé parou de jogar bola em 1974 e continua sendo o jogador mais importante do Brasil até hoje. Quero agradecer ao De Sordi, ao Djalma, ao Bellini, ao Zito, ao Mazzola, ao Pepe, ao Moacir, ao Dino, ao Orlando, ao filho do Gilmar que está aqui. Quero agradecer a você, Zagallo. Continue sendo irreverente e continue gostando do número 13, porque este é o meu número também.

Eu vou lhe contar uma história do que o número 13 significa na minha vida. Minha mãe vendeu suas terras em Pernambuco, em 1952, para a gente vir para cá, por 13 contos de réis. A viagem demorou 13 dias. Eu saí de Pernambuco no dia 13 de dezembro de 1952. Quando, em 1980, eu fui preso por conta da greve dos metalúrgicos, o somatório do número da placa da minha prisão dava 13. Fundei um partido com o número 13. Então, o número 13, Zagallo, está na minha e na sua vida. Vota na 13ª?

Então, eu quero agradecer a vocês e dizer o seguinte: na vida de um ser humano, qualquer que seja a atividade, tem uns que progridem, outros não progridem, uns conseguem vencer mais, outros menos. Eu sei que nem todo mundo que foi campeão em 1958 conseguiu ter uma condição financeira de sobrevivência. Lamentavelmente, no esporte, ainda não temos as garantias institucionais para que tenha um sindicato forte de atletas profissionais. Uma



parcela da renda de cada jogo deveria ser destinada para criar um fundo para cuidar dos atletas, que são os artistas, quando eles mais necessitam.

Eu fico imaginando se vocês jogassem bola hoje, quanto é que cada um de vocês valeria. Porque hoje, um jogador ganha por mês o que muitos de vocês não ganharam na vida. Essa é uma coisa maluca que a evolução dos tempos... Um dia desses eu recebi, Pelé, o Dirceu Lopes aqui. Ele é secretário de uma cidadezinha do interior de Minas Gerais. Eu me lembro do Dirceu Lopes e do Tostão jogando juntos e eu fiquei pensando: imagine se o Dirceu Lopes estivesse jogando hoje, quanto ele ganharia por mês?

Eu quero dizer para vocês o seguinte: eu pedi ao ministro Orlando, falei com o ministro do Planejamento. Por esses dias nós vamos apresentar uma proposta, Arlindo, ao Congresso Nacional, para a gente criar uma aposentadoria para que esses cidadãos, que são a cara do Brasil que vence, possam viver mais dignamente ou pelo menos serem respeitados por nós.

No documentário que eu vi sobre o Joel, em Quito, Moacir, eu vi as preocupações. É porque eu sabia a linha do Flamengo inteira: Joel e Moacir. Então eu vi, Moacir, o documentário. O Moacir é um companheiro que passa privações, e eu acho que não é justo. Um País de 190 milhões não tem o direito de permitir que uns poucos que conseguiram enaltecer a alma da nossa gente ao mundo não mereçam o reconhecimento do Estado brasileiro. Então, nós vamos fazer essa reparação. O ministro Orlando e o Ministro do Planejamento vão me apresentar uma proposta e eu quero ver se a gente consegue resolver isso o mais rápido possível, porque não é sempre que a gente consegue produzir heróis. Eu dizia para o Pelé na hora do almoço: eu trabalho já há uns oito meses com uma idéia de tentar pegar 100 brasileiros, daqueles que pela origem não era para terem dado certo, e deram certo, viraram personalidades, viraram gente importante. Por quê? Porque eu acho que a auto-estima de um povo, a auto-confiança de um jovem, quando as pessoas acreditam em si mesmas, tudo fica mais fácil. Então, eu quero ver se a



gente produz isso. Não defini ainda qual o Ministério, se é o Ministério da Cultura, se vai ser pela própria Presidência ou pela Educação, mas o dado concreto é que nós precisamos mostrar as coisas boas, porque as coisas ruins nós não precisamos mostrar, todo santo dia a imprensa mostra. Então, nós precisamos tratar de mostrar as coisas boas, que muitas vezes não aparecem.

Eu quero dizer para vocês que eu acho que nós, no Brasil, temos que reparar muitas coisas que nós deixamos passar. E quando a gente não faz as coisas no momento certo, Pelé, fica tudo mais difícil. O Brasil não fez reforma agrária quando o mundo inteiro fez, o Brasil não investiu na educação quando todo mundo investiu. Então nós fomos ficando para trás, e nós agora precisamos acompanhar o mundo. Eu acho que o Brasil está indo, está se encontrando, acho que o Brasil conseguiu dar um salto de qualidade e eu acho que nós, daqui para a frente, vamos fazer as coisas que ainda não tínhamos conseguido fazer.

Eu quero, do fundo do coração, agradecer a presença de todos vocês, dizer que foi uma alegria. Se eu, por acaso, tivesse um “piripaque” e morresse amanhã, certamente morreria muito mais feliz porque desde o ministro Agnelo que eu estou tentando fazer isso e somente agora é que nós conseguimos fazer, por conta dos 50 anos.

Ao nosso querido parceiro sueco, meus agradecimentos. Amanhã não vou poder ir ao jantar na Embaixada da Suécia porque vou a Itajubá, em Minas Gerais, Pelé. Não, eu vou à Venezuela amanhã, desculpem-me, e não vai dar para chegar mais cedo. Mas eu quero agradecer a vinda do nosso companheiro da Suécia, do Cônsul sueco em São Paulo. De coração, muito obrigado por vocês existirem e por terem existido na minha geração, no meu querido País.

Um abraço e que Deus os abençoe.

(\$211A)